**RSI E A CONTEMPORANEIDADE NO NÓ BORROMEU**

Gracia Azevedo[1]

Estamos às voltas com novas formas de desejo? Desejar ser, e ser, sem considerar o impossível? Que gozo é esse que nos dispomos a escutar, e de que forma poderíamos apontar na direção do furo, se aparentemente estamos diante da falta desse furo como estruturante?

Ao abordar as manifestações patológicas Freud falou de inibição, sintoma e angústia (Freud, 1926) a partir do recalque, da gramática das pulsões, e dos acontecimentos da vida de um sujeito. Para Freud, o trabalho na clínica seguia na direção de identificar as instâncias inconsciente, pré-consciente e consciente, decifrando os sintomas.

Lacan, a partir do inconsciente estruturado como uma linguagem, e do discurso do sujeito, falou dos três registros: Imaginário, Simbólico e Real, (Lacan,1953) como consistências topológicas. Na clínica, a linguagem, o significante, a letra tornam possível o manejo dos três registros e seus deslizamentos, colocando o sujeito diante da castração, e a impossibilidade da relação sexual.

Pensando no Nó borromeu como escrita dos três registros, Lacan articula o gozo e suas diferentes manifestações no falasser. Nele, vemos a consistência, o buraco (ou furo), e a ex-sistência, na lógica topológica que nos permite compreender não se tratar apenas de uma interseção de conjuntos com elementos em comum. Lacan (1974-1975) associa o Imaginário à consistência, (ao que dá estofo, corpo) à experiência humana; o Simbólico, ao furo, ao que faz furo pela linguagem; e o Real, à ex-sistência, ao que resta fora da apreensão simbólica ainda que mantendo com ela uma relação de quase exclusão.  
“É que se a ex-sistência se define por relação a uma certa consistência, se a ex-sistência não é, no final das contas, senão esse fora que não é um não-dentro, nem por isso a noção de uma falha, a noção de um furo, mesmo em algo tão exaurido quanto a própria existência, deixa de manter seu sentido. Pois se eu lhes disse haver do Simbólico um recalcado, há também no Real algo que faz furo, há também no Imaginário, Freud se deu bem conta, e foi por isso que burilou tudo que há de pulsões no corpo como estando centradas em torno da passagem de um orifício a outro “(Lacan, 1974-1975, aula de 14/01/75).

Vemos em Lacan que na escrita do nó borromeu, o enlace que o Real permite aos outros registros faz furo, porta o Outro sexo, e o fora-de-sentido. O campo do Imaginário faz surgir o sentido, a representação corporal, os orifícios do corpo. No campo do Simbólico, temos a cadeia significante, o gozo fálico o recalque primário. O Gozo Outro (fora da linguagem), no campo do Real.  
Apresentando uma escritura do nó borromeu, Lacan afirma que essa é a única possibilidade de representação do Real, de obtermos uma ideia sensível do Real. Real que resta ao inconsciente, e que no campo do Simbólico nutre o sintoma de sentido com o gozo fálico, evidenciando a não-relação sexual. A intervenção analítica através da interpretação do significante, constitui-se como um único caminho para que algo recue no campo do sintoma. O que, do saber algo nunca será reduzido, o Urverdrängt de Freud jamais será interpretado (Lacan, 1974).  
Segundo Lacan (1953), a linguagem tem um corpo quando a fala produz um efeito no Outro, a isso ele chama do "dom de linguagem", afirmando que ela "é um corpo sutil, mas é corpo" (Lacan, 1998 p. 302).

O lugar do Gozo do Outro, a vida, o real. A ciência como “solução” para ocupa-lo. Acontecimentos de real, no campo entre o real e o imaginário, têm se tornado muito comuns na clínica psicanalítica. O gozo do Outro aqui se situa entre o Real e o Imaginário. Ora, como pensar um gozo do Outro, Outro, lugar daquilo que é. Sem barras, sem simbólico, natural. Esse gozo, não atravessado pelo Simbólico, estaria completamente fora da linguagem? Mas o Outro é o simbólico por excelência! Além disso, se o Outro é uma invenção, um anteparo estrutural que o sujeito inventa para lidar com o indizível de seu mundo, gozar dele não implicaria também num gozo solitário?  
Desde Freud, em “O mal-estar na civilização” (Freud,1927), o corpo contribui com o mal estar, animando-se de medo. Medo de quê? De nosso próprio corpo. A angústia é um sentimento que situa-se alhures em nosso corpo e surge da suspeita de nos reduzirmos ao nosso corpo. (Lacan, 1974).  
Para Lacan, um quarto nó (o sinthoma- que ele trabalhou no Seminário 23), serviria para enlaçar como suplência, uma nova significação. Freud trabalhou com a realidade psíquica (como este quarto nó), a partir da qual, o sujeito ressignificaria o seu sintoma.

Referências bibliográficas  
Freud, Sigmund. Inibições, Sintomas e Angústia. Edição Standard, Obras completas Vol. XX p. 79 Ed. IMAGO - Rio de Janeiro. 2006  
Freud, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização. Edição Standard, Obras completas Vol. XXI Ed. IMAGO - Rio de Janeiro. 2006  
Lacan, Jacques. O Seminário (1974-75) RSI. Inédito.  
Lacan, Jacques. A terceira. 7o Congresso da Ècole Freudienne de Paris, 1974. Inédito.  
Lacan, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. 1953. In: Escritos. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro. 1998.  
SOLER, Colette. Uma interpretação que leve em conta o real. Stylus (RJ) Rio de Janeiro, n.24, p.25-40, jun.2012.  
\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_  
[1] Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano- Rede Diagonal Brasil- Fórum de Recife